

Cecília Meireles: o turismo e a viagem

Celso Castro (CPDOC/FGV)

Além de ter sido uma das maiores poetisas brasileiras, Cecília Meireles (1901-1964) também escreveu frequentemente sobre viagens e turismo. Suas crônicas reunidas sobre o assunto ocupam três volumes.¹ Embora tenham sido publicadas em jornais, a linguagem é essencialmente literária, e não jornalística. Desde sua primeira viagem ao exterior, em 1934, a Portugal, Cecília viajou muito. Além de vários países europeus (Portugal, Espanha, Itália, França, Bélgica, Holanda, Grécia), visitou também Estados Unidos, Uruguai, Argentina, Porto Rico, Peru, México, Israel, Goa (então, ainda uma colônia portuguesa) e Índia; viajou muito igualmente pelo Brasil, principalmente por Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul. O livro que a própria Cecília considerava como marco inicial de sua fase madura chama-se, apropriadamente, *Viagem*, que recebeu o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras, em 1938 e foi publicado no ano seguinte em Portugal. A importância dessas viagens para sua produção poética é evidente ao longo de toda sua obra.

Nesta apresentação, no entanto, o foco serão as oposições entre os tipos ideais do “turismo” e da “viagem”, do “turista” e do “viajante”, recorrentes ao longo de suas crônicas. Procurarei destacar que essa oposição tem como elementos centrais uma relação diferenciada com a temporalidade e a importância das diferentes sociabilidades que uma e outra experiência trazem. Essas oposições não são originais nem específicas a Cecília Meireles. Muito pelo contrário, aparecem recorrentemente em outros autores e no senso comum. Creio, no entanto, que seus escritos são de grande clareza e perspicácia no que diz respeito à construção desses tipos ideais. Além disso, a beleza de suas imagens é característica marcante.

Começamos com uma clara definição, que aparece em uma crônica de 1953 (“Roma, turistas e viajantes”, 2:101-4):

“[O turista] é uma criatura feliz, que parte por este mundo com a sua máquina fotográfica a tiracolo, o guia no bolso, um sucinto vocabulário entre os dentes: seu destino é caminhar pela superfície das coisas, como do mundo, com a curiosidade suficiente para passar de um ponto a outro, olhando o que lhe apontam, comprando o que lhe agrada, expedindo muitos postais, tudo com uma agradável fluidez, sem apego nem compromisso, uma vez que já sabe, por experiência, que há sempre uma paisagem por detrás da outra, e o dia seguinte lhe dará tantas surpresas quanto a véspera.

¹ *Cecília Meireles: crônicas de viagem*. 3 vols. Apresentação e planejamento editorial de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998-1999.

O viajante é criatura menos feliz, de movimentos mais vagarosos, todo enredado em afetos, querendo morar em cada coisa, descer à origem de tudo, amar loucamente cada aspecto do caminho, desde as pedras mais toscas às mais sublimadas almas do passado, do presente até o futuro – um futuro que ele nem conhecerá.” (p. 101)

A viagem, para Cecília, não é apenas um deslocamento no espaço, mas também no tempo. Esse deslocamento temporal envolve tanto a dimensão de tempo “histórico”, que se acumula através dos anos, unindo eventos e personagens do passado e dando densidade à experiência da viagem, quanto de um tempo “cotidiano”, dos pequenos ciclos e rituais repetitivos da vida de todo dia. Ambos as dimensões, no entanto, se experimentam *lentamente*. Nesse sentido, os viajantes se diferenciam dos turistas porque, diferentemente deles, desejam *viajar*, e não *chegar*. Estes, os turistas,

“... procuram o meio de transporte mais rápido, reclinam-se, fecham os olhos e esperam pela chegada ao ponto de destino. São criaturas tranqüilas, embora velozes; não se querem desgastar na observação do caminho. Tendo passado por ele uma vez, nem admitem que se tenha produzido alguma alteração, nem imaginam que se venha a produzir. [...] para eles o mundo é absolutamente estável e a paisagem também. E, de certo modo, eles próprios.” (1:249, “Pequena viagem”, de 1952)

Movendo-nos nesse tempo e nesse espaço de certa forma incolores do turista – o viajante apressado – poderíamos perguntar, como ela faz numa crônica em que fala das mudanças de fuso horário: “onde ficaram as horas que não vivemos? Ou onde ficamos nós?” (3:36, 14/8/1955)

Ter em mente o contexto histórico em que ela escreveu suas crônicas – a maioria da primeira metade da década de 1950 – também é importante para compreendermos o motivo que a levou a contrastar tão vivamente o turista e o viajante. Trata-se de um mundo, o do pós-guerra, de grandes transformações na experiência de se viajar. Ganha força o turismo chamado “de massas”. Cecília também escreve estas palavras, é bom lembrar, em um contexto de crescente aceleração dos meios de transporte, principalmente com a transição do navio de passageiros para a aviação comercial como meio principal de viagem. A esse respeito, escreve na crônica “O avião”, também de 1952:

“O aeroporto não é, como o cais, lugar de chorosos adeuses, nem, muito menos, de votos de feliz regresso. É mais grave, mais rápido. Mal pode o viajante olhara para trás, e descobrir ainda alguma pessoa que por ele se inquiete e o acompanhe com o seu pensamento. [...] Não é como no cais, onde os lenços continuam a acenar, enquanto o barco se afasta. [No avião] o viajante ainda está na terra, mas já está muito longe.” (1:263)

A diferença que ela aponta, no entanto, é mais profunda: uma diferente *atenção à vida*, como diria o filósofo francês Henri Bergson. Numa crônica de 1953, refletindo sobre a *pressa* contemporânea enquanto visitava os palácios, fortalezas e catedrais de Castela, na Espanha, ela se pergunta: “que restará destas pressas de hoje, deste breve existir despedaçado em coisas sem nenhuma importância? Este século será uma vertigem, um vazio, na paisagem inexorável do tempo.”(2:20, 1953) Em outra crônica, do mesmo ano, escrita em Siena: “Ai, não fosse a vida esta urgência! Pudéssemos nós ir sempre subindo e descendo estas ruas, estas escadas, sem fome, sem cansaço, sem hora certa, puramente em alma!...” (2:58). É preciso uma atenção especial ao *presente*, pois ele, e só ele, “abarca tudo: o passado e o futuro nele penetram, porque só ele existe.” Nesse sentido, para Cecília, “viajar é uma outra forma de meditar”.

Esse *ritmo* específico da viagem também diferencia, em outro sentido, a experiência do viajante da do turista. O viajante está quase sempre só, e é essa solidão que permite: “a conversa infinita da alma com a solidão” (3:34, 14/8/1955). Sozinho consigo mesmo, o viajante está mais aberto para encontrar-se com outras pessoas, mesmo que por pouco tempo. O turista, ao contrário, comprime-se na multidão, em “bandos turísticos”, geralmente levado por um guia, que Cecília chama, numa crônica, de “amáveis pessoas fatigadas” (1:287, “Museus da França”, 1952), responsáveis por domar e adestrar uma “turba numerosa e respeitosa” de turistas. (“cabeça para cá, cabeça para lá, meia volta à direita, – e agora, atenção para a sala seguinte!”) O viajante, diferentemente, pode estabelecer uma *comunicação sentimental* com os objetos e os lugares:

“[...] quanto a mim – escreve Cecília –, deixo-me ficar para trás, espero que a onda passe, que a voz do cicerone não pese mais nos meus ouvidos. Tudo quanto aprendi até hoje – se é que tenho aprendido – representa uma silenciosa conversa entre os meus olhos e os vários assuntos que se colocam diante deles, ou diante dos quais eles se colocam. Nessa atmosfera de confiança, tudo me parece penetrável e inteligível. Mais tarde, em silêncio maior, a conversa continua, e é simplesmente um profundo monólogo. O que resulta de tudo isso, é, para mim, a aprendizagem.” (1:291-2, “Ainda os museus”, 1952)

Para a autora, há na viagem uma *sociabilidade* específica que traz como resultado (e recompensa maior) o *autoconhecimento*:

“O que me parece o grande encanto das viagens é ir-se encontrar, num sítio distante, que nunca se freqüentou, de cuja existência nem se tinha notícia, alguma criatura que na véspera nem se conhecia, e, de repente, se descobre ser tão amiga como os amigos de infância, e tão para sempre como a nossa própria alma. Todos nós temos desses encontros, cada um segundo os seus méritos e a sua condição. (E descobrimos, igualmente, a nossa condição e os

nossos méritos, embora muitas vezes possamos chegar a duvidar da lógica de semelhantes privilégios.” (3:251, “Viagens encantadas”, 1961)

“Mas ai de nós! A vida é tumultuosa, a memória frágil, e duas pessoas que um dia conversaram tão próximas, tempos depois não se lembram mais uma da outra, não se reconhecem mesmo quando se encontram – pois delas talvez a vida não quis mais que aquele momento breve de um único encontro.” (19/6/1:228)

Unem-se, assim, uma temporalidade e uma sociabilidade características da viagem: “São estas horas que deslizam sem tormento, como se fosse fácil viver.” (2:65, “Ver Nápoles e...”, 1953).

“A arte de viajar é uma arte de admirar, uma arte de amar. É ir em peregrinação, participando intensamente das coisas, de fatos, de vidas com as quais nos correspondemos desde sempre e para sempre. É estar constantemente emocionado, – de nem sempre alegre, mas, ao contrário, muitas vezes triste, de um sofrimento sem fim, porque a solidariedade humana custa, a cada um de nós, algum profundo despedaçamento.” (2:61, de 1953, “uma hora em San Gimignano”).

Enquanto o viajante conhece os outros e assim se conhece mais, o turista conhece apenas coisas práticas:

“Dizer o quê – de Paris? Os turistas dirão muitas coisas: lugares, preços, estações de metrô. Os turistas sabem coisas práticas. Os outros [isto é, os viajantes] sabem que onde as informações acabam é que a vida começa. E a vida é que vale a pena.” (1:284-5, “Pergunta em Paris”, 1952).

O contraste do espírito do viajante com a “eterna melancolia turística”, fruto da *pressa*, é marcante: “Felizmente o ônibus tem de partir, e todos nos atropelamos com embrulhos, troco, e a eterna melancolia turística: há sempre uma coisa mais bonita, que não tivemos tempo de comprar!” (“Ainda Nápoles, 2:67, 1953)

Creio que, adicionalmente à experiência vertiginosa da velocidade das viagens e dos bandos de turistas, a mercantilização das viagens e o espírito consumista dos turistas (que estão no entro da constituição do assim chamado *trade* turístico) constituem como que pecados originais do turismo. Cecília fica claramente incomodada com a onipresença da “mão que espera a gorjeta” (1:248, “Viajar II, 6/12/1951). Para ela, “o turista é, a seu modo, um comerciante. É certo que o seu comércio é muito delicado: ele compra sensações de beleza, mas deseja que venham revestidas de sensações de conforto (muito fáceis, aliás, de desejar).” (3:71, “Por falar em turismo”, 24/2/1956).

É evidente a valorização do viajante em detrimento do turista, nos escritos de Cecília Meireles. Na crônica “Quando o viajante se transforma em turista”, de 1953, ela não se furta a escrever, a respeito de uma viagem à Espanha: “[...] a essa altura, já tínhamos perdido a nossa categoria honrosa de viajantes, e estávamos reduzidos à degradante condição de turistas [...] (2:24) Em outra crônica do mesmo ano, ela assume que, quanto mais viaja, mais se torna *antiturística*: “Como pode a bela Itália ter sossego com estas ondas e ondas de forasteiros que a atravessam de ponta a ponta, como formigueiros em mudança?”(2:95, “Pequenas notas”) Cecília afirma, em crônica de 1956, resistir à condição turística (3:73). Ela não nega, no entanto, ser também, em alguma medida uma turista. Ao falarmos da construção de tipos ideais, estamos, é bom ressaltar, tratando de um procedimento que exagera propositalmente certos aspectos da realidade, contrastando-os com outros tipos ideais, de modo a poder melhor compreendê-la.

Ao falar do turismo para o Brasil, no entanto, Cecília defende os turistas como desajeitados porém bem-intencionados, desejando entrar em contato com a terra e o povo, e merece ser bem tratado: “pois o dinheirinho que ele gasta nessas coisas, pode não ser honesto (que sei eu!), mas não é falso.” (p. 72).

Ao escrever dezenas de crônicas sobre as viagens e o turismo, Cecília Meireles registrou, vivenciando-o ela mesma, um contexto de grande transformação. Mais que isso, ao contrastar de forma tão clara e poética os tipos do turista e do viajante, legou-nos uma sutil percepção de elementos que estão presentes, até hoje, no cerne da experiência turística.